

A TEORIA DAS CAUSAS NA *METAFÍSICA* DE ARISTÓTELES

Aurélio Oliveira Marques
Graduando UnB

Resumo: O essencial deste artigo diz respeito ao primeiro livro alfa da *Metafísica* de Aristóteles, no qual expõe a história das causas (*aitia*) a partir dos pré-socráticos até Platão. O principal objetivo é tornar claro como se dá a apreensão dos objetos no mundo, pois podemos conhecer as coisas somente a partir delas. Aristóteles identifica quatro tipos de causa: (1) há a causa material, que está diretamente relacionada à matéria do objeto. (2) Em seguida, encontra-se a causa formal, que diz respeito à Forma ou essência da coisa. (3) A causa eficiente, por sua vez, permite estabelecer aquilo que tornou possível a existência de um objeto. (4) Já a quarta e última causa nos dá a razão de algo existir, isto é, a finalidade do objeto, que Aristóteles chama de causa final. Em suma, Aristóteles faz uma análise preciosa da filosofia platônica à luz dos filósofos pré-socráticos a fim de complementar a filosofia da natureza e refutar a divisão de mundos (sensível e inteligível) para estabelecer sua visão acerca da teoria das causas.

Palavras-chave: Pré-socráticos, Platão, Aristóteles, *Metafísica*, Causas.

Abstract: The essence of this article concerns the first alpha book of Aristotle's *Metaphysics*, in which he exposes the history of causes (*aitia*). The main objective is explain how is the apprehension of objects in the world by means causes, because we can only know things based on them. Aristotle identifies four types of cause: (1) there is the material cause, which is directly related to the matter of the object. (2) Then, there is the formal cause, concerning the form or essence of the thing. (3) The efficient cause, in turn, allows to establish what made possible the existence of an object. (4)

Already the fourth and final cause gives us the reason for something to exist, i.e., the finality of the object, which Aristotle calls of final cause. In short, Aristotle makes a valuable analysis of Platonic philosophy in the light of pre-Socratic philosophers to complement the philosophy of nature and refute the world's division (between sensible and intelligible) to establish yours own view about the theory of causes.

Keywords: Pre-Socratic, Plato, Aristotle, *Metaphysics*, Causes.

I. A DISTINÇÃO ENTRE EXPERIÊNCIA E SABER

Aristóteles inicia a discussão no livro Alfa de sua *Metafísica* tratando de um tema que se tornou extremamente importante dentro da história da filosofia, a saber, o da epistemologia: “Todos os homens, por natureza, desejam conhecer”¹. Esta afirmação, de fato, se coaduna com a realidade, pois desde os primórdios o homem buscou explicar o mundo por meio do conhecimento das causas. Ademais – nesta busca pelo conhecimento – os sentidos possuem um papel fundamental; sobretudo o sentido da visão, por este fornecer um maior número de instrumentos perceptivos para que possamos diferenciar uma coisa de outra. Em contrapartida, os animais – segundo o Estagirita – possuem tal como nós a faculdade de sentir, ao passo que em alguns deles (mas não em todos) a sensação gera a memória². Os que possuem memória são claramente mais inteligentes e aptos a aprender. De outro modo, os animais que possuem as faculdades sensitivas – mas não possuem memória – são incapacitados de aprender, já que não conseguem reter informações³.

¹ ARISTÓTELES. *Metafísica*. Trad. Leonel Vallandro - Ed.: Globo S.A - Porto Alegre (RS), 1969. I, 1 980a 1. (pág. 36).

² Aristóteles relaciona conhecimento e experiência ao afirmar que em alguns seres dotados de memória e do sentido da audição o conhecimento é obtido por meio da experiência. Essa afirmação significa que a partir de várias experiências semelhantes, decorre uma generalização sobre as regularidades do fenômeno observado. Note que há aqui um processo indutivo quando na aquisição de conhecimento.

³ Nesta acepção, os sentidos são auxiliares à memória dentro do processo de aprendizagem. Ou seja, para que um animal possa ser ensinado não basta a ele possuir as faculdades sensitivas, mas é necessário que este seja capaz de reter informações por meio da memória. Tanto a sensação quanto a memória são elementos imprescindíveis ao aprendizado (e também ao saber). Em outras palavras, para adquirir o conhecimento é necessário passar por estes dois níveis (sensação e memória), obrigatoriamente.

Aristóteles visa a fazer uma distinção entre arte (*techné*) e experiência. Inicialmente vale ressaltar que o conceito de arte em Aristóteles distancia-se do conceito moderno, que está estritamente relacionado ao âmbito estético. Arte é, antes de tudo, um fazer, uma técnica e - portanto - um tipo de conhecimento. Segundo Aristóteles, a arte e até mesmo a ciência (*episteme*) são derivadas da experiência. Neste aspecto ele é estritamente empirista, pois afirma que todo e qualquer conhecimento é proveniente ou dependente da experiência sensível. A arte tem sua origem quando, por meio de várias noções de uma mesma experiência, é produzido em nosso intelecto um juízo universal a respeito de determinada classe de coisas ou objetos.

Porquanto, formar o juízo de que tal remédio curou Cálias quando sofria de certa doença, e da mesma forma no caso de Sócrates e de muitos outros indivíduos, é questão de **experiência**; mas julgar que esse remédio tem curado todas as pessoas de determinada constituição, definida como uma classe, quando padecia de tal doença - p. ex., pessoas fleumáticas ou biliosas ardendo em febre - isso é questão de **arte**.⁴

Ademais, a experiência por ser contingente permite conhecer apenas o particular. A arte se dá quando nós, por meio do *lógos*, fazemos uma reflexão sobre o conjunto de dados empíricos. É de grande importância ressaltar que - no que tange à ação (àquilo que nos leva agir) - a experiência não é inferior à arte: os indivíduos "experimentados" de fato possuem melhor desempenho prático do que aqueles que possuem estritamente a teoria, mas não possuem a experiência. As ações - de modo geral - visam o particular, pois um médico cura

não a espécie de indivíduos (homem), mas um indivíduo (por exemplo, Sócrates).

Por outro lado, julgamos os teóricos mais sábios que os empíricos pelo fato de os primeiros possuírem melhor compreensão e conhecimento em grande escala. Isto se dá desta maneira porque os teóricos conhecem a causa e os empíricos não a conhecem. Os empíricos sabem que tal e tal coisa se dispõe no mundo, mas não sabem explicar o *porquê* da sua ocorrência. Tendo em vista esta perspectiva, fica claro por que comumente admira-se mais um engenheiro e menos um operário de construção civil: julgamos, em suma, o primeiro mais conhecedor do que o segundo. Aristóteles afirma que um operário desempenha sua função em virtude do hábito e não de conhecimentos teóricos ali aplicados. Por outro lado, a Sabedoria (*sophía*) parece não possuir um sentido correspondente e, portanto, não se identifica com a sensação. Apesar de os sentidos nos dizerem que determinada coisa é de tal maneira, não nos diz o porquê desta coisa ser assim. Cito:

[...] Como já dissemos, o homem que possui experiência é considerado mais sábio do que os possuidores de qualquer percepção sensorial; o artista é mais sábio do que os homens de experiência, e o mestre de ofício mais do que o operário; e julgamos que os conhecimentos teóricos participam mais do que os produtivos da natureza da sabedoria.⁵

II.A NATUREZA E O OBJETO DA SABEDORIA

Dentro da mesma discussão, Aristóteles visa a desvelar a natureza e as causas da constituição da Sabedoria, já que esta parece não se

⁴ ARISTÓTELES. *Metafísica*. - I, 1 981a 8-14 (Ênfase minha). pág. 37.

⁵ *Ibidem* - I, 1 981b 30-36. (pág. 37)

identificar com nenhum dos sentidos por estes serem acessíveis a todos; são denominados “fáceis” e, portanto, não podem constituir marca de Sabedoria. O que possui marca de Sabedoria, segundo Aristóteles, são aqueles saberes cujo acesso é árduo e laborioso. Ademais - em todos os ramos do conhecimento – é considerado sábio aquele que possui exatidão e é, por si mesmo, capaz de ensinar as causas das coisas aos demais. A Sabedoria deve corresponder àquela ciência desejável por si e que tenha em si mesma (*kath' autó*) seu início e seu fim; àquela que é ambicionada por causa de seus resultados sendo, portanto, mais superior e mais filosófica que as demais. A característica de conhecer as coisas em seu mais alto grau de elevação pertence ao sábio, ou seja, ao indivíduo que possui o conhecimento do universal, pois aquele que conhece o universal conhece, conseqüentemente, todos os particulares correlacionados. As coisas universais, segundo Aristóteles, são mais difíceis de conhecer por se encontrarem demasiado distante dos sentidos e do mundo sensível. Segue-se, portanto que:

[...] Ao sábio não convém subordinar-se, mas subordinar; nem deve ser ele o que obedeça, mas ao menos sábio é que compete obedecer-lhe.⁶

Dentro das ciências, as que possuem mais exatidão são aquelas que tratam dos primeiros princípios. As ciências que envolvem menor número de princípios possuem mais exatidão do que aquelas que requerem princípios auxiliares. Exemplo disso é a simplicidade da aritmética em relação à geometria, pelo fato de

a primeira possuir princípios mais simples e diretos em relação à segunda. Aristóteles afirma que a ciência instrutiva é aquela que investiga as causas, já que as pessoas capazes de repassar conhecimento (ensinar-nos) são aquelas capazes de demonstrar as causas de cada coisa. É em razão das causas (e dos primeiros princípios) que todas as coisas se mostram conhecidas e não por meio daquilo que lhes está subordinado. Esta ciência é propriamente a metafísica, já que por ser superior a todas as outras (matemática, física, biologia etc.), permite saber a finalidade de cada coisa: fim este que caracteriza o próprio bem do objeto. Com isto, Aristóteles lentamente introduz sua teoria das causas definindo, portanto, a noção de causa final. Vale ressaltar ainda que a causa final não possui nenhuma relação com os predecessores de Aristóteles, já que é originalmente ele quem a introduz no cenário epistemológico:

Julgado, pois, por todos os critérios que mencionamos, o nome em apreço cabe à mesma ciência: deve ela ser uma ciência que investigue os primeiros princípios e causas; pois o bem, isto é, a finalidade, é uma das causas.⁷

Em relação à metafísica, haveria razões para considerarmos-la como estando para além dos poderes humanos. Segundo Simônides⁸, só Deus pode ter semelhante privilégio, não cabendo ao homem tentar conhecer algo desproporcional às suas forças cognitivas. Com efeito, a ciência que conviria a Deus possuir é uma ciência divina e, também, aquela que se relaciona com coisas divinas. Dizemos Deus

⁶ *Ibidem* – I, 2 982a 17-19. (pág. 39).

⁷ *Ibidem* – I, 2 982b 8-11. (pág. 40)

⁸ Foi um poeta grego, o maior autor de epigramas do período arcaico. Foi alguém determinante dentro da tradição poética, pois - segundo ele - a poesia é um ofício que deve – merecidamente - ser remunerado (receber benefícios por ela). Ademais, sua importância dentro da poesia se dá pela investigação de sua natureza, o que o diferencia dos demais poetas da época. Os gregos atribuem a Simônides a seguinte frase: “A pintura é uma Poesia silenciosa e a Poesia é uma pintura que fala” Simônides marcaria, portanto, a descoberta da imagem pelos antigos. É considerado também o primeiro a demarcar uma “teoria da imagem”, ou *mimesis*.

ser um dos primeiros princípios (causa de todas as coisas) e que somente Ele a possui mais do que qualquer outro. Aristóteles afirma que tais motivos nos levam a crer que as demais ciências são mais necessárias à vida prática, mas que a metafísica é a mais nobre dentre todas. Isto, segundo Aristóteles, é suficiente para defender a tese de que a metafísica (apesar de não ser uma ciência prática) é a melhor e a mais nobre dentre todas as ciências. Por fim, Aristóteles diz:

Fica assim definida a natureza da ciência que buscamos, bem como a meta que deve propor-se a nossa investigação.⁹

III.A TEORIA DAS CAUSAS E OS PRÉ-SOCRÁTICOS

Decerto, para conhecermos algo devemos antes conhecer sua causa primeira, ou seja, devemos tomar ciência de sua causa original. Aristóteles defende que falamos das causas em quatro sentidos: no primeiro deles nos referimos à matéria (ou substrato); no segundo, à substância (Forma ou essência); no terceiro, à origem da mudança (ou motricidade); e no quarto, à finalidade e o bem (causa contrária e completiva a anterior, pois a finalidade denota a ausência de movimento). Aristóteles tem por principal objetivo expor sua teoria das causas à luz dos filósofos pré-socráticos, pois, evidentemente, eles também falam de certos princípios e causas. Portanto, fazer a análise de suas opiniões é demasiado proveitoso para a presente discussão, como o faz Aristóteles.

A maioria dos filósofos pré-socráticos

considerou que todas as coisas contidas no mundo eram de natureza material. Em suma, suas discussões giram em torno da constituição do universo. Outra noção bastante geral acordada entre alguns dos pré-socráticos é a de que nenhuma coisa vem a existir de modo autônomo, pois há um princípio gerador, o qual se conserva imóvel e, ao mesmo tempo, origina todas as coisas. No entanto, no que se relaciona à quantidade de princípios, nem todos eles concordam. Tales afirma que o princípio (*arché*) de tudo é a água, pois percebeu que todos os alimentos possuem umidade. Anaxímenes defende que o ar constitui o fundamento do universo e todas as coisas nele inseridas. Vejamos algumas fontes:

Tales afirmava que a Terra flutua sobre a água. Mover-se-ia como um navio; e quando se diz que ela treme, em verdade, flutuaria em consequência do movimento da água.¹⁰

Outros julgavam que a Terra repousa sobre a água. Esta é a mais antiga doutrina por nós conhecida e teria sido defendida por Tales de Mileto.¹¹ Tales de Mileto, o primeiro a indagar estes problemas, disse que a água é a origem das coisas e que Deus é aquela inteligência que tudo faz da água.¹²

Anaxímenes, companheiro de Anaximandro, afirma, como este, uma única matéria ilimitada como substrato; não indeterminada, como Anaximandro, mas determinada, chamando-a de ar: diferencia-se pela rarefação ou pela condensação segundo a substância.¹³

Anaxímenes, por sua vez, defende que

⁹ ARISTÓTELES. *Metafísica*. – I, 2 983a 21-22. (pág. 41).

¹⁰ BORNHEIM. Gerd A., *Os Filósofos Pré-Socráticos*. Ed.: Cultrix, 2013, pág. 23. (Encontra-se em: SÊNECA *Questões Naturais* - III, 14).

¹¹ *Ibidem* (Encontra-se em: ARISTÓTELES - *De Coelo* (Sobre o Céu) - Tradução de Edson Bini, ed.: Edipro (2014) - B 13, 294a 28).

¹² *Ibidem* (Encontra-se em: CÍCERO - *De Natura Deorum* “Sobre a Natureza dos Deuses” - I, 10, 25).

¹³ *Ibidem*, pág. 29. (Encontra-se em: SIMPLICIUS. – *Phys* - 24, 26).

A TEORIA DAS CAUSAS NA *METAFÍSICA* DE ARISTÓTELES AURÉLIO OLIVEIRA MARQUES

o ar (*pneuma*) é o elemento originante de todas as coisas. Elemento vivo, que constitui as coisas através de condensação¹⁴ ou rarefação¹⁵. Assim, o fogo é o ar rarefeito, e pela condensação progressiva formam-se o vento, as nuvens, a água, a terra e - finalmente - a pedra. Anaxímenes foi também o primeiro a afirmar que a lua recebe a sua luz do sol.¹⁶

Do ar dizia que nascem todas as coisas existentes, as que foram e as que serão, os deuses e as coisas divinas.¹⁷

Hipaso de Metaponto, um importante pitagórico, e Heráclito de Éfeso propõe o fogo como constituinte de todas as coisas do mundo:

Este mundo, igual para todos, nenhum dos deuses e nenhum dos homens o fez; sempre foi, é e será um fogo eternamente vivo ascendendo-se e apagando-se conforme a medida.¹⁸

Anaxágoras de Clazomenas - que foi posterior a Empédocles - afirma que os princípios são infinitos, já que as coisas são um composto de partes semelhantes a elas mesmas:

Os físicos admitem um número ilimitado de elementos, como Anaxágoras e Demócrito. O primeiro, com as homeomerias; o segundo, com a mistura de toda a classe de sementes das figuras, admite a existência do ilimitado (*ápeiron*), do qual fazem um contínuo contato. Anaxágoras defende que toda parte é uma mistura como o todo, baseando-se no fato experimental de que as coisas vêm de outras coisas,

indiferentemente.¹⁹

Tendo em vista toda esta investigação, Aristóteles afirma que os pré-socráticos supracitados se preocuparam em explicar o mundo somente por meio da causa material. No entanto, as próprias circunstâncias da investigação - com o passar do tempo - levaram-lhes a aprimorar suas teorias. Pareceu-lhes que a causa material não era mais suficiente para explicar a totalidade das coisas e, menos ainda, como elas se dispõem no mundo. Por exemplo, a madeira não produz sua própria modificação, e não é a madeira que faz (fabrica) a cama, mas outra coisa tem que causar essa modificação. Nesta acepção, os homens foram induzidos, pela própria verdade, a buscar outras causas. Hesíodo - filósofo e poeta - talvez tenha sido o primeiro a buscar algo do gênero. Segue o trecho:

[...] Primeiro que tudo foi feito o
Caos, e depois
A Terra de amplos seios...
E o Amor, supremo entre todos os
deuses.²⁰

Isto implica, claramente, que entre os seres existentes devia haver desde o princípio uma causa motriz²¹. Empédocles, por exemplo, defende que a Amizade é a causa motriz de tudo o que é bom e a Discórdia é a causa motriz de tudo o que é mau. Em suma, se dissermos que ele foi o primeiro a citar o bem e o mau como princípios não estaremos nos distanciando da verdade, pois a causa de todos

¹⁴ O fenômeno da passagem dum vapor para o estado líquido. (Dicionário de Física - *Física Resolvida* - Professor Carlos Leandro de Oliveira - o verbete encontra-se disponível na página www.fisicaresolvida.com.br).

¹⁵ Diminuição do peso e da densidade de um corpo, conservando o mesmo volume. (IDEM).

¹⁶ GUERD A. BORNHEIN - *Os Filósofos Pré-Socráticos*, pág. 28.

¹⁷ *Idem*, (Encontra-se em HIPÓLITO. - Ref. - I, 7).

¹⁸ GUERD A. BORNHEIN - *Os Filósofos Pré-Socráticos* - pág. 38 (Fragmento 30 - O fogo é gerador do processo cósmico).

¹⁹ ARISTÓTELES - *Física* - III, 4, 203a.

²⁰ HESÍODO - *Teogonia* (Genealogia dos deuses, um poema mitológico - 116-120.)

²¹ Aristóteles já havia definido estas duas causas (Material e Motriz) em sua obra acerca da Natureza (Encontra-se em ARISTÓTELES - *Física* - II, 3, 7. Tradução de Lucas Angioni. Campinas, SP: Editora da Unicamp. 2009.)

os bens é o próprio bem.

De modo um pouco diverso, Leucipo e Demócrito afirmam que os elementos são o cheio e o vazio (o ser é o cheio, o não-ser é o vazio). Ademais, Empédocles afirma que os quatro elementos (terra, fogo, água e ar) são – por agregação e dissociação – os elementos que formam todo o cosmos e as coisas nele presentes:

Empédocles difere de seus predecessores por ter sido o primeiro a introduzir a divisão de causa; pois não diz ser uma só a causa do movimento, mas duas forças contrárias. Além disto, foi o primeiro a afirmar que são quatro os elementos materiais, embora não os use como quatro, mas como dois somente. De um lado, o fogo em si próprio; de outro, os elementos que lhe são opostos – terra, ar e água – como uma única natureza. Isto pode ser visto no estudo de seus escritos.²²

IV. OS NÚMEROS E A TEORIA DOS OPOSTOS COMO CAUSA

Os Pitagóricos defendiam que os seus princípios matemáticos eram também o princípio de tudo o que existe. Os números são semelhantes às coisas que *são* e às coisas que *serão*, e, por isto, são os números a origem de tudo o que existe e de tudo o que *é potencialmente* (ou seja, de tudo aquilo que pode vir a ser). Segundo eles, os elementos constitutivos do número são o *par* e o *ímpar*. O primeiro é ilimitado, o segundo, limitado. Estes números, por sua vez, são a totalidade que constituem os céus e perfazem o mundo. O número 10, por exemplo, é considerado o mais perfeito por que contém em sua natureza todos

os outros números. Assim como os demais teóricos, os Pitagóricos defendem que o número é tanto causa material como causa motriz daquilo que existe. Em suma, a unidade procede do *par* e do *ímpar*; da unidade advém o número; e do número procedem todas as coisas. Outros Pitagóricos defendem uma teoria composta por dez princípios opostos, quais sejam: (1) *Limitado e ilimitado*. (2) *Ímpar e par*. (3) *Unidade e pluralidade*. (4) *Direito e esquerdo*. (5) *Macho e fêmea*. (6) *Repouso e movimento*. (7) *Reto e curvo*. (8) *Luz e escuridão*. (9) *Bom e mau*. (10) *Quadrado e oblongo*. Alcmeón de Crotona, um dos principais discípulos de Pitágoras, também concebe que a maioria das coisas humanas – como as discutidas pelos Pitagóricos – anda aos pares. No entanto, Alcmeón não estabelece quais são estes pares de opostos, ao passo que os Pitagóricos definem com precisão quais e quantos são eles. Ambos os teóricos parecem defender que estes princípios (definidos ou não) submetem-se à causa material. Neste sentido, Aristóteles afirma:

Mas como se relacionam tais princípios com as causas que indicamos? Eis o que nenhum deles expõe de forma clara e explícita; parecem, contudo, subordinar os elementos à causa material, pois afirmam ser a substância composta e moldada por eles, como partes imanentes.²³

Vale ressaltar ainda que nem todos os filósofos pré-socráticos indagaram acerca das causas que constituem o mundo. Xenófanes e Melisso, por exemplo, devem ser postos de parte por serem ingênuos demais em relação à investigação das causas. Parmênides, apesar de pouco aprofundar no tema, defende que “além do existente, nada de não existente existe”²⁴. Com

²² ARISTÓTELES – *Metafísica* – I, 3 984a 7. (pág. 43).

²³ *Ibidem* – I, 5 986b 4. (pág. 48).

²⁴ *Ibidem* – I, 5 986b 30. (pág. 49).

isto, visa a defender a tese de que tudo que existe, existe de modo necessário²⁵. Em suma, Parmênides postula duas causas e dois princípios chamando-os de quente e frio; o primeiro existente, o segundo não existente. O quente representa o fogo, o frio representa a terra.

Em suma, vimos de um lado os primeiros filósofos considerando o primeiro princípio como algo de natureza corpórea (água, fogo, ar, terra); alguns admitem um único princípio, outros admitem mais de um. No entanto, todos enquadram suas teorias na categoria de causa material. Doutro modo, vimos que dentre estes filósofos, há aqueles que defendem esta causa (material) e, ao mesmo tempo, a origem do movimento (causa motriz); alguns nos apresentam uma única (por exemplo, o número) e outros, em pares (por exemplo, amizade e discórdia). Com isto, explicitamos aqui as principais teorias defendidas entre os pré-socráticos. Por fim, Aristóteles diz:

E até aí dizemos nós, parecem ter chegado as investigações dos primeiros filósofos no tocante às duas causas (Material e Motriz).²⁶

Eis aí o que podemos aprender dos mais antigos filósofos e dos seus sucessores.²⁷

V. PLATÃO E A CAUSA FORMAL

De início, vale dizer que Sócrates possui influências em toda a filosofia grega, especialmente na filosofia platônica. Sócrates

preocupou-se intrinsecamente com questões universais sobre ética. Platão, por sua vez, aceitou boa parte da doutrina socrática sustentando, porém, que os problemas éticos por ele propostos não diziam respeito às coisas sensíveis – já que estas são de caráter mutável. Platão defende que estas questões pertençam ao mundo inteligível (das Ideias ou Formas²⁸). Já a reflexão aristotélica parte – sobretudo – de uma crítica à teoria das Ideias de seu mestre, Platão. O ponto crucial que diverge Platão de Aristóteles é a separação de mundos estabelecida pelo primeiro: o mundo das Ideias existe independentemente do mundo sensível. Ademais, Platão sobrepôs um mundo ao outro, afirmando o mundo das Ideias como superior ao mundo sensível. Segundo a teoria platônica, todas as coisas existem no mundo sensível por mera ‘participação²⁹ em Ideias’: algo pode ser denominado belo se, e somente se, participa da Ideia de belo; algo pode ser considerado branco se, e somente se, participa da Ideia de brancura etc. Acerca da matemática (ou seres matemáticos), Platão estabelece um mundo intermediário (*diánoia*): a matemática difere tanto das coisas sensíveis - pelo fato de ser eterna e imutável - quanto difere também das Ideias – por ser múltipla e semelhante – já que a Forma é única e em si mesma. O principal objetivo de Platão é estabelecer um mundo ideal que seja perfeito, eterno e imutável, visando assim um refúgio seguro para o pensamento se opor ao incessante mudar das coisas sensíveis.³⁰

Como as Formas eram as causas de

²⁵ Aquilo cujo modo de ser é determinado.

²⁶ *Ibidem* – I, 4 985b 20. (Ênfase minha). pág. 46.

²⁷ *Ibidem* – I, 5 987a 28. (pág. 50).

²⁸ Vale ressaltar aqui que, para Platão, o termo ‘Forma’ (*eidos*) tem por significação essência e não formato/ figura (*morphé*), apesar da expressão *hilemorfismo*.

²⁹ Aristóteles defende que apenas o nome ‘participação’ é novo, já que os Pitagóricos defendiam que todas as coisas existem por ‘imitação’ dos números. Ademais - quanto à especificidade dos termos - ambas as doutrinas deixam a questão em aberto. (Encontra-se em *Ibidem* – I, 6 987b 10).

³⁰ Viso aqui apenas a introduzir o tema de modo bastante geral. Para analisar de preciosamente o tema mencionado recomenda-se a *República* de Platão, Livros VI e VII.

tudo mais, Platão supôs que os seus elementos fossem os elementos de todas as coisas. Como matéria, o grande e o pequeno eram os princípios; como realidade essencial, o Um; pois é do grande e do pequeno, pela participação no Um, que nascem os números.³¹

Platão e os Pitagóricos – apesar de concordarem que o Um é substância (essência) e não predicado de outra coisa – divergem acerca da posição que a matemática ocupa dentro de suas teorias. Os Pitagóricos defendem que os números existem à parte das coisas sensíveis, ao passo que Platão não só defende a matemática como algo independente do mundo sensível, mas a difere também do mundo puramente inteligível, estabelecendo assim um plano intermediário entre estes dois extremos. Tendo em vista estes e os demais problemas da tradição, Platão fundamenta sua teoria no encaixe de duas causas, quais sejam, material e formal (formando o *sinolon*), já que as Formas são a causa da essência de tudo o que existe e o Um é a essência das Formas.

Trata-se de uma díade, do grande e do pequeno. Além disso, atribui ele a causa do bem a um dos elementos e a do mal ao outro – como, segundo dissemos, tinham procurado fazer alguns de seus predecessores, nomeadamente Empédocles e Anaxágoras.³²

Neste aspecto, Platão em muito se assemelha a alguns dos pré-socráticos que defendiam uma díade (por exemplo, a teoria dos opostos estabelecida pelos pitagóricos). Resumidamente,

seus antecessores admitiram explicações fundamentadas nas causas material e motriz. Todos eles tiveram uma noção de causa em mente, seja o ar, o fogo, a água, seja algo mais denso ou mais tênue que estes elementos, seja a amizade e a discórdia como princípios do movimento, ou mesmo a razão e o amor atuando como força motriz, dando origem a todas as coisas, enfim seja o bem³³ como finalidade etc. Em suma, nenhum dos antecessores de Platão citou a realidade substancial (essência, Ideia, Forma) como princípio originador daquilo que existe. Ademais, há diversos problemas com as teorias precedentes, pois no laborioso trabalho de buscar as causas, devemos nos debruçar sobre todas simultaneamente e não de modo isolado como a tradição o fez.

Aristóteles afirma que aqueles filósofos preocupados em estabelecer a origem do universo fundamentando sua investigação somente na causa material, se enganam, já que a matéria (principalmente aquela dotada de grandeza espacial) trata exclusivamente das coisas corpóreas e não possui nenhuma relação com as coisas incorpóreas que, no entanto, também existem. De modo mesmo, recai em um erro semelhante aqueles filósofos cuja investigação está encaixada somente na causa motriz. O principal problema consiste na falta de clareza quanto à origem do movimento. Colocam o limitado e o ilimitado (Anaxágoras), o par e o ímpar (Pitágoras), a amizade e a discórdia (Empédocles), a razão e o amor (Hesíodo) como pressupostos únicos sem

³¹ ARISTÓTELES – *Metafísica* – I, 6 987b 20. (pág. 50).

³² *Ibidem* – I, 6 988a 13. (pág. 51).

³³ Aristóteles defende que o ‘bem’ é dado em certo sentido como causa, porém não no sentido *natural*, da finalidade e totalidade em si mesmo. “Do mesmo modo os que consideram o Um ou o existente como bem, dizem ser ele a causa da substância, porém não a finalidade do seu ser ou devir” (*Ibidem*, I, 7 988b 11). Em suma, a tradição - ao mesmo tempo - diz e não diz o ‘bem’ como causa; não o chamam de causa enquanto bem, mas apenas de modo accidental.

explicar a origem dos mesmos. Os Pitagóricos se equivocam ao tentar explicar a Natureza (*physis*) por meio dos objetos matemáticos³⁴. O erro consiste na tentativa de explicar o movimento, utilizando como instrumento algo destituído de movimento. Ademais, a tradição incorre no erro também por não postular a substância (essência) como causa do que existe.

VI.A CRÍTICA DE ARISTÓTELES À CAUSA FORMAL DE PLATÃO

Acerca da teoria das Ideias de Platão, Aristóteles afirma que o erro se dá na tentativa de corresponder o que está a nossa volta às outras coisas que transcendem o mundo onde habitamos. Estas outras coisas seriam as Formas, que existem em quantidade maior ou proporcional aos seus objetos sensíveis correspondentes. Vale ressaltar ainda que esta entidade inteligível (a Forma) possui, no mundo sensível, um objeto correspondente de mesmo nome. Por exemplo, tem-se a ideia de mesa (Forma) e a mesa concreta (sensível). Note que, apesar de possuírem naturezas distintas, compartilham o mesmo nome. Em suma, para todos os outros grupos de coisas existe o Um pairando sobre o múltiplo. Aristóteles afirma que o objetivo de Platão é pouco convincente, já que não se trata de uma inferência necessária e por tentar ir além daquilo que o nosso raciocínio é capaz de compreender. Platão afirma a existência de Formas até para as coisas que julgamos não ter nenhuma Forma. Segundo Aristóteles, este argumento do “Um sobre o múltiplo” faz com que nós criemos Formas até para as negações e para as coisas transitórias, já que aquelas coisas

que não existem concretamente podem ainda subsistir como objeto do pensamento, pois fazemos uma imagem delas (*mimesis*). Aristóteles diz:

Mas acima de tudo poder-se-ia perguntar com que contribuem as Formas para as coisas sensíveis, quer para as que são eternas, quer para as que estão sujeitas à geração e à corrupção. Pois elas nem são causas de movimento, nem de qualquer mudança nessas coisas. Por outro lado, de modo algum contribuem para o conhecimento das outras coisas, ou para o seu ser, uma vez que não se encontram nos particulares que delas participam.³⁵

De modo geral, Aristóteles identifica que a teoria platônica acaba por destruir as coisas cuja existência nos importa mais do que a existência das Ideias, pois Platão não assume uma díade (matéria e forma) como princípio, mas o Um. Aristóteles afirma que as Formas pouco influenciam nas coisas sensíveis, já que elas pertencem a mundos distintos e não constituem concretamente o objeto que lhes corresponde. Ou seja, Platão erra ao defender uma teoria da participação cuja Forma não está contida no objeto, já que as Ideias não estão na constituição material das coisas sensíveis. Outra crítica bastante pertinente é a de que para cada coisa existem diversos modelos e, portanto, devem existir diversas Formas. Por exemplo, uma mesa redonda possui um formato (*morphé*) diferente de uma mesa quadrada e, portanto, deveria haver uma Forma (*eidos*) para cada modelo de mesa. De modo mesmo, o Um deve ser dito em mais de um sentido, dado que o que lhe corresponde trata-se de uma multiplicidade, isto é, de uma

³⁴ Aristóteles afirma que os pitagóricos também falharam por falta de clareza em sua teoria. Eles não afirmam que estes números (que dão origem ao universo) são únicos. Isto fez com que Aristóteles introduzisse a hipótese de que podem existir outros números e que estes sejam de natureza sensível, ao passo que aqueles, defendidos por eles, são de natureza inteligível.

³⁵ ARISTÓTELES. *Metafísica*. - I, 9 991a 10-15. (pág. 58).

variedade de Formas. Ademais, Aristóteles afirma que as Formas não são apenas modelos das coisas sensíveis, mas também modelos de outras Formas (a Forma da Forma). Por exemplo, o gênero contém várias espécies, portanto a Ideia de gênero é mais geral do que a Ideia de espécie. A primeira Ideia é superior e, portanto, conteria a segunda.

Aristóteles concorda com Platão que há um elemento comum entre todos os objetos da mesma classe (o universal, a Ideia), que é a razão pela qual nós aplicamos o mesmo nome a todos os objetos de mesmo gênero. Admite também que este universal é real, mas não tem existência independente das coisas (*ante rem*) tal como afirma Platão.

Em suma, podemos afirmar que uma das principais críticas feitas por Aristóteles em relação à filosofia platônica é o fato de Platão colocar o verdadeiro valor do conhecimento em um nível distinto daquele que efetivamente vivemos - ou seja - no mundo das Ideias e, por isso, colocar a realidade como algo desprovido do verdadeiro conhecimento. Platão separa o sensível do inteligível. Neste sentido, a crítica consiste também em compreender como as Ideias (sendo substâncias das coisas) possam existir separadamente (em um mundo diferente), já que Platão defende que tudo o que existe só existe por participação nas Ideias (inteligíveis). Ademais, parece inconsistente afirmar que tudo o que existe no mundo sensível possui uma correspondência no mundo inteligível. Baseando-se nisto, é possível notar um viés empirista na crítica aristotélica, já que - para Aristóteles - o conhecimento é derivado da experiência e se encontra no mundo sensível (na realidade, no mundo em que vivemos) e, portanto, pode ser verdadeiramente alcançado.

CONCLUSÃO

Aristóteles pode ser considerado o primeiro importante historiador da filosofia. Por meio de sua investigação, foi possível estabelecer a teoria das causas e, assim, iluminar todo o restante da tradição filosófica posterior a ele. Aristóteles influenciou principalmente a filosofia medieval, mas também boa parte da filosofia moderna e contemporânea. Sua epistemologia e sua ontologia sofreram tardias alterações fixando Aristóteles como um dos principais filósofos da tradição. De modo bastante claro pode-se concluir que desde os pré-socráticos até Platão os homens buscaram causas para explicar a origem do universo e das coisas nele contidas. Ademais, Aristóteles parece demarcar de modo bastante claro quantas e quais são estas causas até mesmo em sua obra *Física*³⁶. Segundo ele, ninguém fugiu deste padrão, mas trataram das causas de modo vago e isolado.

Aristóteles, laboriosamente, faz o percurso histórico das teorias e constata uma grande quantidade de inconsistências. Antes dele, a filosofia parecia caminhar sem rumo, sem uma delimitação por ser demasiada jovem e desejar conhecer mais do que poderia realizar, tendo em vista os instrumentos utilizados no encaixe de suas investigações. Apesar de Aristóteles ter sido o mais famoso aluno de Platão, ele discorda da teoria das Ideias. Ele não acredita que o verdadeiro conhecimento esteja no âmbito transcendente (*ante rem*), mas sim nas próprias coisas sensíveis (*in re*). Neste sentido, Aristóteles reordena e progride a filosofia como um todo, não apenas no aspecto metafísico, mas no que diz respeito à ética, à política e até mesmo à ciência (esta última que

³⁶ ARISTÓTELES. *Física I e II*. Trad. Lucas Angioni. Campinas: IFCH/Unicamp, 1999. *Física II*, 3, 7.

perdurou até o século XVII).

Em suma, essa reconstrução histórica feita por Aristóteles permite-lhe inovar e dar fundamento a toda sua *Metafísica*. Somente após ter feito tal análise que, no decorrer de sua obra, Aristóteles passa a tratar de temas como ato e potência; substância e substrato; matéria e forma. Por certo, estes temas de fato despertam o interesse dos leitores de Aristóteles, pois seu pensamento tem um caráter peculiar, a saber, um posicionamento histórico e crítico.

Referências bibliográficas

ARISTÓTELES. *Metafísica*. Trad. Leonel Vallandro - Porto Alegre: Rio Grande do Sul. Ed.:Globo S.A - 1969.

_____. *Física I e II*. Trad. Lucas Angioni. Campinas: IFCH/Unicamp, 1999.

BORNHEIM. Gerd A., *Os Filósofos Pré-Socráticos*. São Paulo: Ed.: Cultrix, 2013.

BUCHANAN. James, *Aristotle's Theory of Being*. Inglaterra: Ed. Cambridge, 1962.

D. ROSS. *A Teoria das Ideias de Platão (Plato's Theory of Ideas)*. Tradução Marcus Reis. Rio de Janeiro: Editora UFRJ-IFCS, 2008.

HAMELIN. Guy, "Do Realismo Moderado ao Realismo Extremo em Platão". *Journal of Ancient Philosophy*. Vol. III, Issue 2. 2009.

LALANDE, André. *Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia*. Trad. Fátima Sá Corrêa et alli. São Paulo: Ed.: Martins Fontes, 1999.

REALE. Giovanni. *Metafísica Aristóteles Vol II*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

_____. *Metafísica Aristóteles Vol III*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

SOUSA, Eudoro de. *Filosofia grega*. Revisão e edição por Marcus Mota e Gabriele Cornelli. Brasília: Ed. UnB, 2013.